



A IDENTIDADE DOCENTE DO PROFESSOR NA SOCIEDADE PÓS – MODERNA

ANTUNES, Fabiana Ritter¹; GARCES, Solange Beatriz Billig²; KRONBAUER, Carla Prado³

RESUMO

Este artigo se refere a uma reflexão sobre a construção da identidade do professor em uma sociedade pós-moderna, caracterizada por constantes mudanças e descontinuidades. O estudo constitui-se de uma revisão bibliográfica, onde elencamos alguns aspectos importantes a serem considerados ao tratarmos do cenário da formação dos professores da educação básica na atualidade brasileira, bem como a construção da identidade docente inserida nele. Como considerações parciais, temos que, nos espaços de formação inicial é necessária uma abertura aos diálogos pertinentes à construção da identidade docente, de modo que com isso se contemple o processo de construção de identidade pessoal e profissional do professor. Ainda, vivenciamos um período de mudanças e contradições geradas por um novo paradigma chamado de Pós-Modernidade, que desloca os sujeitos de seus espaços sociais alternando forçosamente as identidades. Nada mais é fixo e preso a um mesmo lugar, ou como diria Marx “tudo que é sólido desmancha no ar”.

Palavras-Chave: Identidade. Docência. Pós-Modernidade. Subjetividade. Reflexividade.

QUESTÕES INICIAIS

Estudos a cerca da identidade tem sido um dos temas relevantes e mais atuais na entrada do século XXI. Isso acontece porque com uma realidade

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM; Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e Graduada em Educação Física pela Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ. fabizeehaa@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências Sociais com ênfase em Políticas e Práticas Sociais pela UNISINOS; Mestre em Ciência do Movimento Humano pela UDESC; Especialista em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria e Licenciada em Educação Física pela UNICRUZ. Professora Adjunta do Centro de Ciências da Saúde da UNICRUZ. sbgarces@hotmail.com

³ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM; Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. carlapk@hotmail.com



globalizada os valores se tornam mais líquidos, exigindo renovação nos parâmetros utilizados até então, como coloca Baumann (2005). Assim, as incertezas e as discontinuidades forçam a um processo de transformação contínua das identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais.

Vários estudos a cerca da identidade do professor, estão sendo bastante discutido em academias, instituições de ensino e programas de formação continuada, porém o que ainda não se tem certeza é de como e onde esses professores adquirem a identidade docente.

De acordo com Imbernón (2006) se faz necessária uma reestruturação das instituições educativas, acabando, assim, com a visão de um ensino instrumental e técnico, com a transmissão de um conhecimento acabado e formal. O que é contemplado por Popkewitz (1988, p.132 apud CUNHA, 1999, p.133) quando descreve que a pedagogia científica legitima a "razão instrumental", o que define o construto da profissão docente numa perspectiva técnica e "projeta uma imagem de pensamento racional e de eficiência institucional".

Cabe ressaltar ainda que o sistema educacional situa a formação do profissional da educação, ou seja, a profissionalização docente, no contexto de um discurso ambivalente, paradoxal, ou simplesmente contraditório: de um lado, a retórica histórica da importância desta formação; de outro, a realidade da miséria social e acadêmica que lhe concedeu (IMBERNÓN, 2001).

Observando a formação inicial de professores, pode-se perceber que alguns cursos centram seus programas, principalmente, na aprendizagem de conteúdos, metodologias, didáticas, avaliações... O que esses "aprendizes" de professor aprendem é em boa parte o que vão continuar praticando, como "ensinantes", na atuação da sua docência; com os seus professores os discentes vão aprendendo um perfil, um jeito de ser professor.

É nesse sentido que Darido e Sanches (2005) entendem que a tendência que o professor irá seguir depende da gênese teórica e prática (práxis) que teve na sua formação inicial.

Dessa maneira é preciso analisar a fundo a formação inicial recebida pelo futuro professor ou professora, uma vez que a construção de esquemas, imagens e metáforas sobre a educação começam no início dos estudos que os habilitarão à profissão. É a partir da formação inicial que se gera determinados hábitos que



incidirão no exercício da profissão e até mesmo pela formação continuada (IMBERNÓN, 2001).

Ainda o mesmo autor acima explicita que a formação inicial deve fornecer as bases para construção do conhecimento pedagógico especializado. As instituições ou cursos de preparação para a formação inicial deveriam ter um papel decisivo na promoção não apenas do conhecimento profissional, mas de todos os aspectos da profissão docente comprometendo-se com o contexto e a cultura em que esta se desenvolve.

Assim, a formação inicial deve preparar para uma profissão que dê conta das mudanças da sociedade atual, onde cada vez mais se exige que se continue a estudar durante toda a vida profissional até mesmo em âmbitos que, nesta etapa de sua formação, nem se quer se suspeitavam.

Conforme Demo (2004), o professor não é apenas quem dá aula. "Dar aula" tornou-se expressão vulgar para mera reprodução de conhecimento. Se for para apenas reproduzir conhecimento, tem hoje meios mais interessantes disponíveis, como a televisão, que tem a vantagem de poder ser ao vivo e em cores, com efeitos especiais conduzida por gente bonita e jovem. Para além da apropriação didática, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador de trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação social, etc.

Portanto, torna-se conveniente ressaltar que o eixo fundamental para o currículo de formação de professor é o desenvolvimento da capacidade de pensar constantemente sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender e refletir sobre a realidade social e a docência (IMBERNÓN, 2001).

Assim sendo entende-se, conforme destaca Silva (2011, p. 149) as "dinâmicas políticas de um determinado tempo e de um determinado espaço" problematizam a formação de professores na contemporaneidade. Portanto é preciso compreender quais dinâmicas estão a movimentar a esfera pública atual para compreender a identidade necessária ao professor contemporâneo.

Primeiramente, é preciso destacar que as análises sociais se situam hoje nos novos atores, nos novos conflitos, nas representações do eu e das coletividades, em contextos culturais. Um aspecto central de análise é a grande flexibilidade social dos sistemas de informações. Outro fator a se levar em consideração é o processo de mundialização (globalização), violência, política organizada, decadência do universo



chamado social, individualismo desorganizador, destruição das categorias sociais como classe, os movimentos sociais, instituições ou agências de socialização - escola/família (perda da centralidade das categorias sociais) (TOURAINÉ, 2007). Com efeito, a sociedade demanda a participação de novos atores sociais com capacidade de reivindicar e agenciar recursos, visando sobreviver neste espaço de mudanças e competitividades e negociar o outorgamento de seus direitos através de suas lutas. Este movimento articula, na sociedade, a transição de um paradigma tradicional para outro, reflexivo.

Modernidade Reflexiva ou Alta Modernidade é como Giddens (2005) denomina o período que se vivencia, onde há a necessidade de estar sempre pensando ou refletindo a respeito das circunstâncias em que nossas vidas se desenvolvem e a isso ele chama de Reflexividade. Alguns autores como Lyotard e Harvey evidenciam que já vivenciamos uma nova paisagem, a da Pós-Modernidade. Nesse sentido Baumann (2001) referencia que se vivencia um período a que ele chama de "Modernidade Líquida". Portanto, as mudanças contemporâneas típicas da Pós-Modernidade deslocam referenciais tradicionais de ação dos sujeitos, nesse caso os professores. Então, solidificar uma identidade ao professor é algo impossível nesse período de fluidez, mudanças e descontinuidades, conforme corrobora Baumann (2005, p.17):

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'.

Por isso, Nóvoa (1991, p.29) traz que os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades. E, conseqüentemente, isso também influencia os cursos de formação, tanto os de formação inicial como os de continuada, que devem se adaptar constantemente as mudanças impostas pela sociedade para adequar-se às necessidades dos professores nas instituições de ensino.

Desse modo, o objetivo do estudo é refletir sobre a construção da identidade do professor em uma sociedade pós-moderna, caracterizada por constantes mudanças e descontinuidades.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE



No que se refere à formação da identidade docente, tem-se que tanto o imaginário social, como o imaginário de professor podem ser construídos baseados nos professores que tiveram em sua vida escolar, das experiências adquiridas nos espaços de formação, dentre outras maneiras. Por isso, torna-se importante o resgate dos tempos de infância e adolescência, das primeiras vivências escolares, procurando ver as marcas trazidas destes tempos-espacos e o quanto estas se incorporaram ao modo de ser e dever ser de educadores. Esses são momentos de muita profundidade, intimidade e reflexão que por vezes os desestabilizaram, pois se confrontam com os diferentes processos de constituição de suas identidades pessoais e profissionais, mas que nem sempre assumem ou querem assumir, e que nem sempre acontecem ou se constroem concomitantemente.

Por isso, pode-se considerar este aspecto como um fator que influencia na construção da identidade docente, pois, se baseiam nas diferentes identidades dos professores que encontram ao longo da sua trajetória escolar, às vezes de forma positiva, outras vezes de forma negativa, dependendo das significações que fazem destas. Independente da forma como os marcaram, eles vão fazer parte da construção da identidade de professores, e, conseqüentemente, das suas práticas educativas com os alunos que hoje vivem processos semelhantes.

Nesse sentido, para Borges (2001) em se tratando dos motivos que determinam as escolhas das profissões, estas não são fruto de uma escolha individual, mas de um conjunto de fatores externos (envolvimento com a área e com pessoas que fazem parte dela) que, aliados às condições subjetivas do sujeito, constituem as circunstâncias de vida, nas quais se desenrolam os momentos de escolha.

Assim, a construção da docência envolve a possibilidade do professor beneficiar-se de suas experiências formativas vividas ao longo de sua trajetória escolar, no processo pelo qual podem revivê-las via memória. Podendo, deste modo, ser revertidas em aprendizagens experienciais, em prol de melhor qualidade para o seu trabalho, no âmbito escolar, como também em sua vida pessoal. Nesse sentido, encontra-se em Nóvoa (1992, p.16) a identidade como sendo,

[...] lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processos identitários, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.



É nesse sentido que pode-se dizer que antes mesmo da entrada nos cursos de formação inicial de professores já possuem uma propensa identidade do ser professor.

Ainda, para Nóvoa (1992), existem os três AAA que sustentam o processo identitário dos professores: A de Adesão, A de Ação e A de Autoconsciência.

Adesão - porque ser professor implica sempre adesão a princípios e a valores, a adoção de projetos, um investimento positivo nas potencialidades das crianças e dos jovens; Ação – na escolha das melhores maneiras de agir, se jogam decisões do foro profissional e do foro pessoal, pois, o sucesso ou o insucesso de certas experiências “marcam” a postura pedagógica, fazendo-os sentir bem ou mal com esta ou aquela maneira de trabalhar na sala de aula; Autoconsciência – porque tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria ação, de modo que a mudança e a inovação pedagógica estão intimamente dependentes deste pensamento reflexivo.

Assim, pode-se compreender que ser professor da educação é um movimento dialético do ir se construindo enquanto trajetória individual e coletiva, na qual se inserem as condições psicológicas e culturais dos professores. E é nela também que os condicionantes dos sistemas educativos e das organizações escolares incidem em suas ações e posturas. Ou seja, o ser professor é algo permanentemente inacabado, pois ele vai se construindo gradativamente, é um processo que sofre influências tanto do âmbito pessoal como profissional.

Nesse sentido conforme Isaia e Bolzan (2009), os processos formativos são construídos a partir de experiências vividas (aprendizagens experienciais) pelos sujeitos/professores. Tal processo engloba tanto fases da vida quanto da profissão, envolvendo, desse modo, a dimensão pessoal, marcada pela subjetividade (modo como os professores e o mundo se interpenetram, influenciando-se mutuamente), e, a dimensão profissional (modo dos professores transitarem nos espaços institucionais e se inteirarem do saber fazer, da profissão). Portanto, há uma intrínseca relação entre os processos formativos e trajetórias de formação, pois, ambos compreendem o movimento construtivo dos professores na unicidade da dimensão pessoal e profissional.

A identidade profissional e a (re)construção das práticas pedagógicas são influenciadas tanto pelas naturezas formativas, ou seja, as condições pelas quais são gerados os processo formativos quanto pelos estágios de vida profissional.



De acordo com Huberman (1992), são indicados ciclos que ocorrem dentro de uma mesma profissão, porém não são considerados nos modelos brasileiros de educação. Para ele são perceptíveis as seguintes fases na carreira do professor:

Entrada na carreira – Esta fase diz respeito aos dois ou três primeiros anos de ensino, o contato inicial com a sala de aula. Sobrevivência e descoberta são sentimentos comuns. A distância entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, fragmentação do trabalho, a dificuldade de relacionar estratégias pedagógicas à transmissão de conhecimentos, são características comuns à sobrevivência inicial na profissão. Já a descoberta é traduzida pelo entusiasmo inicial, responsabilidade e a sensação de pertencer a um corpo profissional. Esses dois aspectos acontecem em paralelo, e a descoberta permite a superação da sobrevivência.

Fase de estabilização – Compreende a faixa dos quatro aos seis anos. Com a estabilização e a escolha de uma identidade profissional, ocorre a renúncia de outras identidades e este ato (escolher e renunciar), representa justamente a transição da adolescência onde tudo é possível para a vida adulta, na qual os compromissos surgem mais carregados de conseqüências.

Fase de diversificação - Os professores lançam-se numa série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos. Também ocorre a tomada de consciência mais intensiva sobre os fatores institucionais que contrariam as expectativas profissionais, levando à tentativa de se realizar reformas mais conseqüentes.

Fase de serenidade e distanciamento afetivo – Esta etapa da vida profissional abrange professores entre quinze, vinte e vinte e cinco anos de atividade docente. Estes passam a apresentar menos preocupação com os colegas e a direção, diminuem o nível de ambição, apresentam-se mais sensíveis e consideram que não têm mais nada a provar.

Fase de conservantismo e lamentações – Compreende os vinte e cinco e trinta e cinco anos de vida profissional. Os professores que continuam exercendo a profissão começam a reclamar de vários aspectos de ordem material e subjetiva. Os docentes tornam-se mais rígidos e conservadores, podendo haver uma relação entre a idade e o conservantismo já que os momentos podem estar entre cinquenta e sessenta anos de idade. E por fim,



Fase de desinvestimento – Esta etapa fica situada entre os trinta e cinco e quarenta anos de magistério, e poderá encaminhar-se para a amargura ou a serenidade. Quando há serenidade, as pessoas se libertam sem lamentar, do investimento no trabalho, para dedicar mais tempo aos interesses exteriores à escola e a uma vida social de maior reflexão, de maior carga filosófica. A amargura manifesta-se quando o professor se sente mal na profissão e deseja deixá-la, em consequência de mágoas e descontentamentos que adquiriu no decorrer da carreira.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos formativos são constituídos tanto por fases da vida quanto da profissão, envolvendo, assim, a dimensão pessoal e a dimensão profissional. Portanto, há uma intrínseca relação entre os processos formativos e trajetórias de formação, pois ambos compreendem o movimento construtivo dos professores na unicidade da dimensão pessoal e profissional.

Os cursos de formação inicial de professores servem, portanto, para a canalização do motivo pelo qual se insere em uma Licenciatura, de modo que ocorra a transformação do “gostar de ensinar”, que se caracteriza como sendo a identidade profissional do ser professor.

Assim, está evidente a necessidade de os cursos de formação inicial de professores oportunizarem aos futuros profissionais de educação momentos nos quais estes possam refletir e discutir sua condição de educadores, a fim de internalizarem o ser professor e a sua ação educativa como sendo seu ofício.

Ao (in) concluir essa reflexão, percebe-se que o processo de construção da identidade docente inicia-se antes mesmo da entrada no curso de formação inicial, pois, cada sujeito já possui uma propensa identidade de ser professor, mas essa não é fixa, sólida, pois além de a identidade profissional ser uma constante (re)construção influenciada pelas práticas pedagógicas e pela natureza formativa, são condicionadas pelos processo formativos, pelos estágios de vida profissional e ainda pelas subordinações e condicionantes da pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

BORGES, C. M. F. **O professor de Educação Física e a construção do saber**. 2. ed. Campinas -SP: Papirus, 2001.



BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CUNHA, M. I. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. In: VEIGA, I. E CUNHA, M. I. (Orgs). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papyrus, 1999, pp.127-147.

DARIDO, S. C; SANCHES NETO, L. O contexto da Educação Física na escola. In: Educação Física na escola: implicação para a prática pedagógica. RJ: Guanabara Koogan, 2005.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A (Org). **Vida de professores**. Lisboa: Porto Editora. p. 31-62, 1992.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente Profissional**: Formar-se para a mudança e a incerteza. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Formação docente e profissional. Forma-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2006.

ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V. Trajetórias da docência: articulando estudos sobre os processos formativos e a aprendizagem de ser professor. In: ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V. (org.). **Pedagogia universitária e desenvolvimento profissional docente**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, pp.121-143.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Lisboa: Porto Editora. p. 9-32, 1991.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org). **Vida de professores**. Lisboa: Porto Editora. p. 11-30, 1992.

SILVA, R.R. D. da. A Universidade e a formação de professores na contemporaneidade: contribuições para uma crítica política. In: BENINCÁ, D. (Org.). **Universidade e suas fronteiras**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 149-170.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Tradução de Gentil Avelino Titton. 3.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.